



DISCIPLINA	NOME
	Tópicos Especiais em Modos de Conhecimento e Tópicos Especiais em Antropologia: "Grafias e o estatuto da descrição na pesquisa antropológica"

Docente:

Professora responsável: Dra Fabiana Bruno
Participação da Profa. Dra. Suely Kofes

Programa:

Apresentação:

“O pintor está ligeiramente afastado do quadro. Lança um olhar em direção ao modelo; talvez se trate de acrescentar um último toque, mas é possível também que o primeiro traço não tenha ainda sido aplicado. O braço que segura o pincel está dobrado para a esquerda, na direção da palheta; permanece imóvel, por um instante, entre a tela e as cores. Essa mão hábil está pendente do olhar; e o olhar, em troca, repousa sobre o gesto suspenso. Entre a fina ponta do pincel e o gume do olhar, o espetáculo vai liberar seu volume”¹

“Derruba-se uma árvore grande, desbastam-se os galhos e a folhagem, e o tronco assim obtido escavado para servir como casco principal da canoa...”. Malinowski descreve a construção da *masawa*, a canoa marítima trobriandesa, na seqüência “vagarosa, realizada com calma” prolongando-se até por seis meses. Quem participa desta construção, as técnicas utilizadas, os encantamento e rituais, e o complexo mítico a que pertencem até o “trabalho comunitário final”, quando a impermeabilização, a

¹ Michel Foucault, “Las Meninas”, em *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humana*, Martins Fontes, São Paulo, 2000.

pintura e a confecção das velas da canoa anunciam a finalização dos processos técnicos e dos gestos e fórmulas mágicas permitirão o lançamento da canoa ao mar.

A descrição de Malinowski², em 16 páginas, não é completa (quando o é?), mas é suficiente para conter o que o antropólogo considera como significativo para a relação entre os aspectos sociológicos e o sistema de ideias posta em ação na fabricação do instrumento, ao qual o Kula estaria inteiramente enredado. Descrição que antes Malinowski fizera da visita dos baloma às aldeias durante o Milamar, e que é importante analisar em contraponto à descrição da canoa.

Ora, é traçando uma linha quase reta, mas com uma curta ondulação na ponta superior como se fosse desenhar outra linha horizontal, que Ingold descreve ao ver em um relance o que parecia ser um raio prateado lançando-se para cima, desafiando as águas profundas e desaparecendo imediatamente na espuma. Observando a seqüência contínua, Ingold logo se deu conta de que se tratava de salmões fazendo o seu caminho no rio para a desova³. Olhar *com a linha*, completa Ingold, permitiria reviver o movimento em que ele descreve o valor da sua observação enquanto via o salmão saltar na cachoeira. Na linha traçada estaria o movimento, a observação e a descrição. A discussão de Ingold difere da que faz Strathern sobre a sua primeira e inesquecível visão das conchas amontoadas no monte Hagen, em 1964, “pesando sobre as placas de resina penduradas como porcos numa vara e carregadas por dois homens que caminhavam apressados por causa do peso”. Em Strathern, neste último caso, trata-se de discutir a relação complexa entre escrita e análise, e os campos duplicados na etnografia, em ambos estamos diante da problemática da descrição em antropologia. (Property, Substance and Effect, 1999).

Descrever um quadro, descrever um artefato, descrever uma visão memorizada, são desafios constantes na escrita antropológica. Incorporar o que é descrito na própria escrita a estende, e a torna grafia. Palavras, desenhos, imagens -grafias - compõem e, simultaneamente, problematizam a descrição antropológica ao longo da trajetória, complexa e multifacetada, deste campo de conhecimento. Caberia perguntar sobre a descrição antropológica se ela deve ser uma descrição científica, artística, literária, política? Caberia tais distinções?

É este o tema deste curso, cujo objetivo é abrir-se às leituras, à reflexão e a alguns experimentos

² Bronislaw Malinowski, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, 1976.

³ Ingold, Tim. *Redrawing Anthropology*, Routledge, 2a Ed., 2013.



sobre os desafios da descrição em antropologia (uma antropografia?). Compreendendo a descrição com e sobre imagens, com palavras, com e sobre o desenho, de acontecimentos, pessoas, ações e artefato (como, aliás, o fez admiravelmente, neste último caso, Franz Boas, em *Primitive Art*, 1927). Finalmente, a relação da descrição com a teoria.

A disciplina será composta dos seguintes módulos:

1. Sobre a Descrição na escrita antropológica

4 sessões

Este módulo será desenvolvido no mês de março e estará sob a responsabilidade da profa. Suely Kofes.

2. Sobre a Descrição antropológica de imagens (e com imagens)

7 sessões

Este módulo será desenvolvido no mês de abril e maio e estará sob a responsabilidade da profa. Fabiana Bruno. Haverá também alguns convidados para contarem a sua experiência com os temas relativos aos módulos 1 e 2.

3. Experimentação da (e com a) escrita e a descrição das imagens

4 sessões

Este módulo estará sob a responsabilidade das professoras Suely Kofes e Fabiana Bruno.

Bibliografia Mínima:

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret *Balinese Character: A Photographic Analysis*, New York (New York Academy of Sciences), 1942.

BOAS, Franz. *Arte primitiva*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015 [1927].

BRANDÃO, C. “Escrito com o olho. Anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e ideias”. In: MARTINS, José de Souza et ali (orgs). *O imaginários e o poético nas ciências sociais*, EDUSC, Bauru, 2005.



BOREL M.-J. « La schématisation descriptive : Evans-Pritchard et la magie Zandé », in ADAM J.-M., BOREL M.-J., CALAME C. & KILANI M. (éds), *Le discours anthropologique*. Paris, Méridiens Klincksieck : 169-226, 1990.

CHRISTIN, Anne-Marie. “A imagem e a letra”. In: *Escritos*. Ano 2, n. 2, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 337- 349.

DESCOLA P. “Les lances du crépuscule. Relations Jivaro, Haute-Amazone”. Paris, Plon, coll. Terre Humaine. (traduzido pela Cosac&Naify, *As lanças do Crepúsculo*), 1994.

DESCOLA, Philippe. *La double vie des images*. In: *Penser L’image II. Anthropologies du visuel*. França: Les presses du réel, 2015.

DIDI-HUBERMAN, G. *Écorces*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2011. (“Casca”. *Serrote* n. 13, São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 98-133, 2013).

_____. *Imagens-Ocasões*. (Bruno, Fabiana org. e Ivo, Guilherme tradução).ed. São Paulo: Fotô Editorial, 2018.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. (tradução Fátima Murad). Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1981.

INGOLD, Tim: *Lines: A Brief History*, Routledge; 2007.

INGOLD, Tim: *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

INGOLD, T: *The Life of Lines*, Routledge, 2015.

MALINOWSKI, B. (1916): Baloma; the Spirits of the Dead in the Trobriand Islands, *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, Volume 46.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

QUENEAU, Raymond. *Cent mille milliards de poèmes*. Paris: Éditions Gallimard, 1961.

_____. *Exercices de style*. Paris: Éditions Gallimard, 1947.

SAMAIN, Etienne. “Ver e Dizer na tradição etnográfica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia”, in *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SEVERI, Carlo (2017): *Une anthropologie de la croyance visuelle*. Editions Rued’Ulm & Musée du Quai Branly.

_____. *Mémoire-récit et image-mémoire. Sur la représentations des Blancs dans la tradition chamannique kuna*. In: *Penser L’image II. Anthropologies du visuel*. França: Les presses du réel, 2015.

WARBURG, Aby. *Der Bilderatlas Mnemosyne* (sob a direção de Martin Warnke e de Claudia Brink). Berlim: Akademie Verlag, 2000; (versão espanhol: *Atlas Mnemosyne* (2010). Madrid: Ediciones Akal